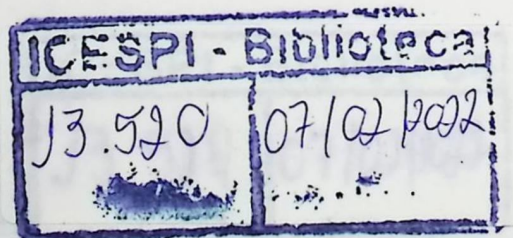


INSTITUTO CATÓLICO DE ENSINO SUPERIOR DO PIAUÍ
LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA

Luiz Henrique Santana Santos

**A LIBERDADE NA OBRA O EXISTENCIALISMO É UM HUMANISMO
DE JEAN PAUL SARTRE**



Teresina

2021

LUIZ HENRIQUE SANTANA SANTOS

**A LIBERDADE NA OBRA *O EXISTENCIALISMO É UM HUMANISMO*
DE JEAN PAUL SARTRE**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de
Licenciatura em Filosofia do Instituto Católico de
Estudos Superiores do Piauí para a obtenção do grau
de licenciado. Orientador: Prof. Ms. Pe. Rocélio Silva
Alves.

Teresina

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

SANTOS, Luiz Henrique Santana

S237l A liberdade na obra *O existencialismo é um humanismo* de Jean Paul Sartre. /
Luiz Henrique Santana Santos. - 2021.
44 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Instituto Católico de
Estudos Superiores - ICESPI, Curso de Licenciatura em Filosofia, Teresina,
2021.

Orientador : Profº Me. Pe. Rocélio Silva Alves.

1. Liberdade 2. necessidade 3. existência. 4. Jean Paul Sartre I. Título.

CDD – 100

Elaborado por Ana Paula Ribeiro da Silva CRB- 3/1704

LUIZ HENRIQUE SANTANA SANTOS

**A LIBERDADE NA OBRA *O EXISTENCIALISMO É UM HUMANISMO*
DE JEAN PAUL SARTRE**

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

Curso de Licenciatura em Filosofia

Data de aprovação: ____ de _____ de 2021

Banca Examinadora

Prof. Ms. Pe. Rocélio Silva Alves

Orientador

Profª. Ma. Elisângela Amaral Soares Osório

Examinadora I

Prof. Dr. Sebastião Linhares Bezerra Júnior

Examinador II

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo falar sobre a Liberdade na obra *O Existencialismo é um Humanismo* de Jean Paul Sartre. A partir de uma leitura da visão de Sartre (1905-1985) sobre o que seria a liberdade. Apresentando tal conceito se apoiando em sua visão de que “o homem está condenado a ser livre”. E nada o pode livrar disso, mesmo que este o queira. Nisso percorremos um caminho dividido em três momentos: A necessidade que o homem tem por liberdade; O que o homem faz é em vista de alcançar a liberdade; Atualização do conceito sartreano de liberdade. Baseado nesses pontos, nos aprofundamos sobre o termo Liberdade, tão bem explanado pelo filósofo francês. A produção acontece por meio de uma pesquisa de caráter qualitativo, a partir de uma revisão bibliográfica, tendo como obra base *O Existencialismo é um Humanismo*. Também trazemos para nosso diálogo Paulo Perdigão (1995), Sergio Moraiva (1985), João da Penha (1989), Marcio Acselrad (2013), Paulo César (2010) e outros que contribuíram para a realização dessa pesquisa.

Palavras-chave: Liberdade. Homem. Necessidade. Existência.

ABSTRAT

This work aims to talk about Freedom in the work Existentialism is a Humanism by Jean Paul Sartre. From a reading of Sartre's vision (1905-1985) of what freedom would be. Presenting such a concept based on his view that "man is condemned to be free". And nothing can free him from it, even if he wants to. In this we walk a path divided into three moments: The need that man has for freedom; What man does, does trying to achieve freedom; Update of the Sartreano concept of freedom. Based on these points, we delve into the term Freedom, so well explained by the French philosopher. The production takes place through a qualitative research, based on a bibliographic review, based on Existentialism is a Humanism. We also bring to our dialogue Paulo Perdigão (1995), Sergio Moraiva (1985), João da Penha (1989), Marcio Acselrad (2013), Paulo César (2010) and others who contributed to this research.

Keywords: Freedom. Man. Necessity. Existence.

É o que posso expressar dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz.

Sartre

*Dedico este trabalho primeiro ao bom Deus e à sua
mãe a Virgem Maria a Mãe da Divina Providencia
que sempre me ajudou. Ao meu Pai Francisco
Valdenir e aos meus avós José Ribeiro (in
memoriam) e Maria de Lurdes.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao bom Deus por me permitir chegar até aqui, elevo meu agradecimento também à Santíssima Virgem que me acompanhou durante esse percurso, à minha família de sangue, minha avó, meu avô meu pai assim como a minha família religiosa a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, meu agradecimento também aos professores que passaram por mim durante esses anos me ajudando a crescer em sabedoria e humanidade de modo especial aos professores: Rocélio Silva Alves, Elisângela Amaral Soares Osório, Sebastião Linhares Bezerra Júnior. Enfim, a todos que de algum modo me motivaram a ir até o fim, meus sinceros agradecimentos.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2 2	A NECESSIDADE DE LIBERDADE	11
2. 1	Sartre e a correlação de responsabilidade	11
2.2	Sartre e a angústia	15
2.3	O certo e o errado	22
3	O QUE O HOMEM FAZ É EM VISTA DE ALCANÇAR A LIBERDADE	25
3.1	O existencialismo é um humanismo	25
3.2	A responsabilidade pelos atos	27
4	ATUALIZAÇÃO DO CONCEITO SARTREANO DE LIBERDADE	29
4.1	A era da tecnologia avançada	34
4.2	O em-si e o para-si	34
4.3	O século das exposições	38
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
	REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

A presente discussão tem como objetivo falar sobre a liberdade. Tendo como tema: A Liberdade na obra *O Existencialismo é um humanismo* de Jean Paul Sartre. Será que a maneira que fomos acostumados a falar sobre a liberdade, foi a maneira correta? Expressar-se sobre a liberdade do homem não é tão simples como parece. Sartre nos apresenta uma reflexão, buscando entender como é possível existir liberdade durante toda a existência do homem.

Na visão do filósofo, o homem está condenado a ser livre. Segundo ele o ser humano não pode livrar-se desse destino que já nasce com o indivíduo, tudo o que ele faz, todas as suas motivações, tem em vista a liberdade de si mesmo, sua completude se encontra exatamente quando o homem encontra-se liberto de tudo aquilo que o aprisiona.

A presente pesquisa será composta por três capítulos: no primeiro capítulo, tem como objeto de pesquisa a necessidade de liberdade. Este capítulo explana o desejo que os seres humanos têm por uma constante vida livre, e que suas escolhas são feitas com o intuito de alcançarem a liberdade. As motivações do homem são alimentadas por este anseio, esta utopia tão desejada por todos.

No segundo capítulo, será visto que o que o homem faz é em vista de alcançar a liberdade. Perseguindo seus objetivos o ser humano está buscando modela-se com o intuito de libertar-se, de encontrar-se enquanto criatura pensante que planeja elaborar como conseguir viver constantemente para aquilo que ele sente que foi chamado que é a liberdade, sendo essa externa e interna. No terceiro capítulo, será exposto a atualização do conceito sartreano de liberdade. Abordamos que hoje mais do que nunca, nós pensamos maneiras de fazer presente nosso sonho por um eterno vivenciar da liberdade e que as diversas criações do século vinte e um como por exemplo as redes sociais, são uma demonstração de como o ser humano quer ser livre para se expor, mostrar a sua essência.

Para chegar ao cerne de nosso trabalho, fizemos uma revisão de algumas obras, tendo como base a obra principal *O Existencialismo é um Humanismo*. Ademais, nos utilizamos de textos de alguns comentadores que nos auxiliaram na realização desta pesquisa, comprometida com a atualização do conhecimento, de modo que fosse possível haurir luzes para nossos dias.

2 A NECESSIDADE DE LIBERDADE

Percebemos a sede por uma vida livre em seu sentido mais profundo, quando de algum modo nossos planos são barrados por certas resistências naturais a nossa forma de viver enquanto ser humano. Um dos filósofos que falaram tão bem sobre a liberdade do homem foi Sartre, um francês tido como o pai do existencialismo na França, que se debruçou sobre o desejo do homem pela liberdade. Baseado em sua linha de pensamento sobre o ser liberto, colocamos em destaque a necessidade de liberdade presente em cada pessoa. Este capítulo explana o desejo que os seres humanos têm por uma constante vida livre, e que suas escolhas são feitas com o intuito de alcançarem a liberdade. Tudo o que fazem é em vista de uma realização enquanto indivíduos que anseiam por uma existência sem prisões.

2. 1 Sartre e a correlação de responsabilidade

Sartre (1905-1980) nos lembra que além de buscarmos em todas as circunstâncias nossa liberdade, ela de algum modo influencia no cotidiano do meu próximo. Meus desejos podem ser o de um grupo de pessoas que anseiam pelo mesmo que eu, nisso existe o que ele chama de engajamento, minhas escolhas podem ser a do restante do grupo, vejamos com suas palavras:

Queremos a liberdade através de cada circunstância particular. E, querendo a liberdade, descobrimos que ela depende integralmente da liberdade dos outros, e que a liberdade dos outros depende da nossa. Sem dúvida, a liberdade, enquanto definição do homem, não depende de outrem, mas, logo que existe um engajamento, sou forçado a querer, simultaneamente, a minha liberdade e a dos outros; não posso ter como objetivo a minha liberdade a não ser que meu objetivo seja também a liberdade dos outros. (SARTRE, 1970, p. 42).

Essa necessidade por liberdade está inserida no mais profundo do homem, não tem como ele escapar desse destino que nasce com ele. Diferente dos seres não racionais, nós seres humanos nascemos com essa capacidade que é a de saber ao longo de nossa existência pensar no que queremos e no que não desejamos para nós. Todos os dias temos que fazer várias e várias escolhas, tudo isso com o desejo de chegar a um bom êxito.

A coisa mais natural do ser humano é que nos movemos em busca de algo que favoreça nossa existência aqui na terra. Diferente dos demais seres que aqui habitam, que se satisfazem com o pouco que se apresenta a sua vista, nós pelo contrário estamos sempre no

famoso se reinventar, isso seria como que uma maneira de abrir novos caminhos, novos horizontes a nossa frente, horizontes esses que possam nos levar a libertar-se, a encontrar nossa liberdade, no dia a dia podemos não perceber, mas estamos construindo nossa história, construindo nossa essência, que será a maneira que as futuras gerações vão lembrar de nós.

Sartre faz uma distinção sobre o que seria nossa essência e nossa existência, explana de maneira clara como nós nos construímos no mundo. O filósofo faz uma diferenciação sobre nosso existir e dos objetos sem vida. Segundo ele quando vamos criar algo como uma mesa, uma cadeira ou um corta papel, nós já o criamos tendo um modelo em mente, já realizamos nosso trabalho sabendo qual a função que ele vai exercer. Nesse caso a “essência precede a existência” do objeto, é o que ele vai dizer:

Consideremos um objeto fabricado, como, por exemplo, um livro ou um corta-papel; esse objeto foi fabricado por um artífice que se inspirou num conceito; tinha, como referências, o conceito de corta-papel assim como determinada técnica de produção, que faz parte do conceito e que, no fundo, é uma receita. Desse modo, o corta-papel é, simultaneamente, um objeto que é produzido de certa maneira e que, por outro lado, tem uma utilidade definida: seria impossível imaginarmos um homem que produzisse um corta-papel sem saber para que tal objeto serviria. Podemos assim afirmar que, no caso do corta-papel, a essência – ou seja, o conjunto das técnicas e das qualidades que permitem a sua produção e denteção – precede a existência; e desse modo, também, a presença de tal corta-papel ou de tal livro na minha frente é determinada. Eis aqui uma visão técnica do mundo em função da qual podemos afirmar que a produção precede a existência. (SARTRE, 1970, p. 8).

No caso do ser humano, Sartre vai dizer que ele não nasce já pronto, não nasce sabendo o que vai fazer, com tudo ordenado em mente. Segundo o pensador, primeiro o homem surge no mundo e só depois vai se definindo, vai sabendo o que ele é. Não há como simplesmente rotular o homem, acrescentando a este uma quantidade de nomes para defini-lo. Porque de início ele não é nada. Só será alguma coisa quando se colocar a começar construir sua história, construir o que ele define como “essência”:

Há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito: este ser é o homem, ou, como diz Heidegger, a realidade humana. O que significa, aqui, dizer que a existência precede a essência? Significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. O homem, tal como o existencialista o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele, fizer de si mesmo. Assim, não existe natureza humana, já que não existe um Deus para concebê-la. O homem é tão-somente, não apenas como ele se concebe, mas também como ele se quer;

como ele se concebe após a existência, como ele se quer após esse impulso para a existência. O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo. (SARTRE, 1970, p. 10).

Essa construção de uma identidade, é edificada por várias escolhas que aos poucos vai formando nosso ser particular. Essa essência que construímos é feita de escolhas, escolhas concretas. Sartre vai dizer que quando escolhemos, não fazemos tal opção apenas por nós mesmos, mas sempre que a fazemos estamos realizando com nosso ato o que outros também vão fazer. Segundo ele, criando o homem que queremos ser, estamos ao mesmo tempo criando o homem que julgamos que seja o ser humano adequado:

De fato, não há um único de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos que ele deva ser. Escolher ser isto ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, pois não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos. (SARTRE, 1970, p. 12).

Ele continua mostrando que nossa imagem é válida para todos de nossa época, nisso a cobrança que vem até nós é maior, no sentido de que não somos sozinhos no mundo, mas estamos com outros que na grande maioria das vezes se espelham em nós, sempre a alguém que observa nossos atos e deseja fazer igual, como se fossemos modelos a serem imitados. Ele cita um exemplo, dizendo que se somos um operário e procuramos fazer parte de um sindicato cristão em vez de ser um comunista, estamos fazendo isso por todos, para servir de exemplo a outros, logo nossa decisão tem em si toda a humanidade presente. Vejamos com suas palavras:

Ao mesmo tempo que moldamos nossa imagem, essa imagem é válida para todos e para toda a nossa época. Portanto, a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela engaja a humanidade inteira. Se eu sou um operário e se escolho aderir a um sindicato cristão em vez de ser comunista, e se, por essa adesão, quero significar que a resignação é, no fundo, a solução mais adequada ao homem, que o reino do homem não é sobre a terra, não estou apenas engajando a mim mesmo: quero resignar-me por todos e, portanto, a minha decisão engaja toda a humanidade. (SARTRE, 1970, p. 12-13).

Mas e se nós não escolhemos fazer determinada coisa, se não vamos para uma festa que fomos convidados, para uma viagem que nos chamaram. Será que nisso também estou escolhendo? A abstenção e a inatividade também são escolhas? Segundo o pensamento de Sartre sim, quando falamos que não queremos dar nosso parecer sobre determinada coisa, automaticamente já o fizemos. Isso foi uma escolha concreta, uma escolha que partiu do meu

eu. Um dos comentadores de Sartre chamado Paulo Perdigão (1939-2006) vai nos falar bem sobre isso em sua obra *Existência e Liberdade* (1995):

Ser livre é fazer escolhas concretas - e até mesmo a abstenção e a inatividade são modalidades de escolha. Não se compreenderia uma liberdade sem escolhas: solicitada igualmente por todos os lados, a consciência desagregar-se-ia em um absurdo caos. (PERDIGÃO, 1995, p. 86-87).

Baseado no pensamento de Sartre, Paulo Perdigão vem nos lembrar que não poderíamos ter necessidade, se por liberdade não tivéssemos contra nós os obstáculos, sem obstáculos não teríamos por que ter desejo por liberdade. O preso só deseja a liberdade porque está na prisão, sem isso não haveria nele a busca por soltar-se. Segundo ele Perdigão, muitos dizem que liberdade seria quando nada nos oprime ou põem resistência a nossos sonhos ou projetos, mas isso seria um engano, pois a partir do momento que o obstáculo some, some junto com ele o desejo por encontrar-se livre:

O senso comum, ao contrário, supõe que só somos livres com relação a um estado de coisas que não nos constrange. Liberdade, nesse caso, seria a condição que usufruímos quando nada nos oprime ou impõe resistência aos nossos projetos. Mas isso é uma liberdade de sonho. Não pode haver liberdade de real, já dissemos, salvo quando a consciência está comprometida em um mundo a ela resistente: a situação é o obstáculo necessário que devo transpor para realizar os meus fins. Sem a situação, minha liberdade desvanecer-se-ia. E, como a liberdade depende da resistência que se lhe opõe, podemos até dizer que essa liberdade se afirma mais claramente quando sujeita a maiores pressões. Segundo Sartre, “nós (os franceses) nunca fomos mais livres do que durante a ocupação alemã”. (PERDIGÃO, 1995, p. 88-89).

Quando agimos por nossa própria vontade, exercendo sobre nós a liberdade na prática de nossos atos, sejam eles quais forem, fazemos isso como que já exteriorizando o que já estava posto por sobre uma liberdade originária. Nascemos com a liberdade pulsando dentro de nosso ser, ao longo da caminhada vamos percebendo que por mais que almejemos uma hora ou outra nosso impulso originário irá se manifestar por meio de atos que levam nosso todo a praticar desejos. É exatamente o que Perdigão vai dizer sobre nossa vontade entrelaçada com o desejo de exercer sobre nós nossa liberdade, ao agirmos por vontade, a decisão já está tomada:

Ao agirmos voluntariamente, fazendo valer as nossas decisões, apenas captamos pela reflexão o projeto já estabelecido por nossa liberdade originária. Agimos assim para nos recuperarmos enquanto Ser que atua e

decide, para nos apropriarmos dessa liberdade originária através de uma decisão reflexiva (posicionamos a própria consciência que somos enquanto liberdade). Daí a satisfação que acompanha o ato voluntário: “Fiz o que quis”. Mas o fim visado já estava anteriormente posto: quando agimos por vontade, a decisão já estava tomada. (PERDIGÃO, 1995, p. 92).

2.2 Sartre e a angústia

Em meio às decisões tomadas ou que temos que tomar, vem a angústia se o que foi realizado foi certo ou errado. Sartre vai dizer que essa angústia não é aquela que encaminha a pessoa para o quietismo. Segundo ele é algo que já aconteceu com indivíduos que na sua caminhada de vida tiveram que tomar decisões serias, e se sentem angustiados por se encontrarem frente a situações cujo único responsável é ele mesmo. Sartre aprofunda seu pensamento se utilizando do exemplo de um chefe militar que tem que enviar para a guerra certo número de homens. E isso só depende dele, que apenas está obedecendo as ordens de alguém mais alto que este.

A angústia quando produtiva, leva a pessoa a realizar grandes coisas, normalmente é um período de reflexão sobre sua conduta de vida até então não tão bem pensada. É uma ociosidade que gera frutos, todos que já foram encarregados de algo na grande maioria das vezes sentem isso. Vejamos com as palavras do filósofo:

Não se trata de uma angústia que conduz ao quietismo, à inação. Trata-se de uma angústia simples, que todos aqueles que um dia tiveram responsabilidades conhecem bem. Quando, por exemplo, um chefe militar assume a responsabilidade de uma ofensiva e envia para a morte certo número de homens, ele escolhe fazê-lo, e, no fundo, escolhe sozinho. Certamente, algumas ordens vêm de cima, porém são abertas demais e exigem uma interpretação: é dessa interpretação – responsabilidade sua – que depende a vida de dez, catorze ou vinte homens. Não é possível que não exista certa angústia na decisão tomada. Todos os chefes conhecem essa angústia. Mas isso não os impede de agir, muito pelo contrário: é a própria angústia que constitui a condição de sua ação, pois ela pressupõe que eles encarem a pluralidade dos possíveis e que, ao escolher um caminho, eles se deem conta de que ele não tem nenhum valor a não ser o de ter sido escolhido. (SARTRE, 1970, p. 15-16).

Segundo o filósofo, as pessoas não podem se comprometer com algo que não lhes pertença, elas são livres para ajudar ou não. Se um artista começa a pintar um quadro ou a esculpir uma estátua e durante o percurso da preparação desses trabalhos ele acaba morrendo, nada garante que seus companheiros próximos vão dar continuidade ao que ele começou, cada um deles tem suas diferenças e seus próprios planos. Não podemos colocar a responsabilidade

sobre os outros daquilo que não os compete, caminhamos lado a lado, nosso grupo pode até participar de determinada organização, mas cada um é particular em si, cada ser em especial carrega em sua existência seus desejos e anseios particulares.

Sartre leva-nos a aprofundarmos nossa mentalidade sobre o querer coletivo, no exterior observamos que todos caminham juntos, mas interiormente os homens que convivem conosco podem estar desejando realizar algo em sua caminhada particular, uma ação diferente da nossa, um plano tão desejado. Talvez até inspirados pelo trabalho do coletivo desejam o diferente. Podemos perceber essa presença do todo que trabalha junto e ao mesmo tempo o do individual em alguns grupos, como grupos de religiosos, religiosas que vivem em comunidade, mas que cada um tem seu sonho particular. Um grupo de cantores, que no meio da composição da banda, pode acontecer de ter alguém que deseja fazer carreira solo. Entre outras organizações que tem em si essas características. Vejamos o que Sartre diz:

Devo ater-me ao que vejo; não posso ter certeza de que meus companheiros de luta retomarão o meu trabalho após minha morte para o conduzir à máxima perfeição, visto que esses homens são livres e decidirão livremente, amanhã, sobre o que será o homem. (SARTRE, 1970, p. 26).

Algumas situações não acontecem como o planejado, preparamos tudo, no entanto com o passar dos dias as coisas saem ao nosso controle e já não temos mais como prosseguir e criamos várias desculpas. Nisso expomos que as circunstâncias estavam contra nós, que foi devido a determinada pessoa que não conseguimos concluir o objetivo, não passei no teste por que tal indivíduo não me ajudou etc., etc. O questionamento fica bem aí: será que foi o outro ou nós mesmos que não tentamos com todas as forças concluir o que começamos?

Toda essa frustração, esse desânimo que vem, tudo isso é devido o desejo que se tinha de concluir seus projetos em vista de uma liberdade que sem perceber as vezes está inserida nesses planos. Porque quando começamos um projeto, temos em mente que ele vai ser concluído e vai nos ajudar a melhorar na vida. Entre esse começo e fim existe a liberdade, que é a chave da felicidade. E cada sonho concluído dá ao homem a alegria de que ele é livre para conseguir realizar o que deseja na vida.

Quando acontece o contrário, algumas pessoas entram em questionamentos pessoais sobre sua situação ou situações de vida. Logo se sentem prisioneiras do tempo e das circunstâncias que as envolvem. Nisso percebemos que quando Sartre fala sobre a necessidade que o ser humano tem da liberdade, o filósofo mostra que tudo corre para o mesmo lugar, todos os planos se encaminham para a mesma direção a sede por sentir-se livre.

Podemos ver mobilização por liberdade nas revoluções presentes na França, operários que lutam por melhorias, estruturação de sindicatos que surgem com o intuito de lutar pelos menos favorecidos, grupos e mais grupos de mulheres que resolvem ir às ruas para reivindicarem seus direitos, garantirem salários iguais já que trabalhavam o mesmo tanto de hora que os homens. Todas essas pessoas desejavam ser livres, mas tinham seus sonhos barrados por outros.

Mas podemos ver também o oposto das pessoas que lutam, a outros que ao invés de lutarem, reivindicarem, reclamam dos acontecidos, colocando a culpa nas coisas e nas pessoas sem estas terem a ver com a situação, se utilizam de argumentações sem fundamento para conseguirem prosseguir na caminhada, e acabam esquecendo que as responsáveis por suas vidas e suas realizações são elas mesmas, os outros segundo Sartre não tem culpa de meus sonhos não terem acontecido como o planejado:

Frequentemente, elas dispõem de um único recurso para suportar a sua miséria, e é o de pensar o seguinte: "As circunstâncias estavam contra mim; eu valia muito mais do que aquilo que fui; é certo que não tive nenhum grande amor ou nenhuma grande amizade, mas foi porque não encontrei um homem ou uma mulher dignos de tal sentimento; se não escrevi livros muito bons, foi porque não tive tempo livre suficiente para fazê-lo; se não tive filhos a quem me dedicar, foi porque não encontrei o homem com quem teria podido construir a minha vida. Permaneceram, portanto, em mim, inutilizadas e inteiramente viáveis, uma porção de disposições, de inclinações, de possibilidades que me conferem um valor que o simples conjunto de meus atos não permite inferir". (SARTRE, 1970, p. 27-28).

Só existe aquilo que eu faço, se quero amar, só amarei se começar a amar, só serei um pintor se começar a pintar, são vários os exemplos que Sartre mostra de coisas que se realizarão apenas quando eu começar a executá-las, se não, não passarão apenas de sonhos que não foram realizados. Não podemos atribuir a determinada pessoa o que ainda não foi realizado por ela, vejamos com as palavras do filósofo:

Um homem compromete-se com sua vida, desenha seu rosto e para além desse rosto, não existe nada. Evidentemente, tal pensamento pode parecer difícil de aceitar por alguém que tenha fracassado em seus projetos de vida. Mas, por outro lado, ele leva as pessoas a entenderem que só a realidade conta, que os sonhos, as esperas, as esperanças, só permitem que o homem se defina como sonho malogrado, como esperanças abortadas, como esperas inúteis; ou seja, que ele se defina em negativo e não em positivo; todavia, quando se diz: "tu nada mais és do que tua vida", isso não implica que o artista seja julgado unicamente por suas obras de arte; mil outras coisas contribuem igualmente para defini-lo. O que queremos dizer é que um homem nada mais é do que uma série de empreendimentos, que ele é a

soma, a organização, o conjunto das relações que constituem esses empreendimentos. (SARTRE, 1970, p. 28-29).

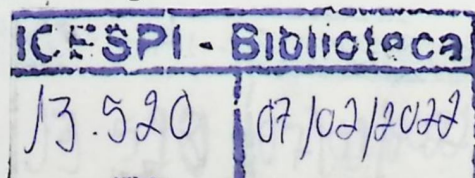
Só seremos aquilo que conseguimos fazer no mundo, nada mais do que isso segundo o pensamento de Sartre. Fugir a realidade não resolverá nossa vida, nossa existência, apenas complicará nossa caminhada. Ninguém nasce pronto, ele vai fazer-se no mundo, construir-se enquanto indivíduo:

Uma das críticas mais frequentemente feitas aos Caminhos da Liberdade pode ser formulada deste modo: "Mas, afinal, esses seres tão fracos, como poderão ser transformados em heróis?". Tal objeção é um tanto ridícula, pois pressupõe que as pessoas nasçam heróis. E, no fundo, é isso que todos desejam pensar: se eu nasço covarde, posso viver em perfeita paz, nada posso fazer, serei covarde a vida inteira, o que quer que eu faça; se nasço herói, também viverei inteiramente tranquilo, serei herói durante a vida toda, beberei como um herói; comerei como um herói. O que o existencialista afirmar é que o covarde se faz covarde, que o herói se faz herói; existe sempre, para o covarde, uma possibilidade de não mais ser covarde, e, para o herói, de deixar de o ser. (SARTRE, 1970, p. 30-31).

Nisso o filósofo mostra que se queremos uma caminhada que nos leve à liberdade é necessário construirmos nosso caminho. Uma experiência que é particular de cada indivíduo. Mas se queremos permanecer paralisados, não chegaremos a lugar nenhum. A expectativa de cada homem é crescer, no trabalho, no convívio social, em todas as áreas de sua vida. Superar-se sempre em vista de uma constante evolução, o ser humano tem essa capacidade própria dele especificidade não presente em outros seres.

Nesse desenvolvimento, não passa por nossa mente que estamos construindo um caminho voltado unicamente para nossa liberdade. Até nossas emoções contribuem para esse crescimento, nem imaginamos, mas elas estão nesse processo de busca do ser livre. Segundo Perdigão, Sartre falava que nenhuma emoção nos é imposta, é algo que está na nossa consciência, nós não determinamos a hora certa de chorar, de sentir medo ou raiva. Não, já está livremente inserida em nossa consciência de ser racional, de ser humano (PERDIGÃO, 1995, p. 92).

É tão natural que nossa consciência nos cause ilusões para fantasiar certas dificuldades que aparecem frente a nós. Com o intuito de passarmos por determinadas situações sem termos muitos traumas. Só que o interessante que podemos observar é que isso acontece normalmente, sem esforço humano. Como se já fôssemos programados para liberar em nossa consciência o sedativo da tranquilidade ou do disfarce. Segundo Perdigão:



Sartre diz que a consciência emocionada tende a um objeto, é uma postura assumida pela consciência livre. Nenhuma emoção nos é imposta. Por exemplo: obrigado a confessar um segredo, começo a chorar. Não choro porque não posso confessar, mas choro para não confessar. Em uma situação de perigo, posso desmaiar. Não desfaleço por causa da impossibilidade de enfrentar o perigo, mas para não enfrentá-lo, para abolir o conhecimento desse perigo, para “apagar” a realidade. A emoção não é determinada por uma causa, mas representa uma intenção projetiva da consciência livre. (PERDIGÃO, 1995, p. 92).

Para Sartre a nossa consciência escolhe a melhor maneira de se orientar no mundo, somos comandados por estas duas pulsões, vontade e emoção. A emoção nos dá uma visão de algo fora do normal, de mágica. Já quando partimos da vontade, nossos pés caem literalmente e fixam-se ao chão nos colocando a par do que passa. Mas ambos querem mostrar que por meio elas a liberdade está se manifestando:

Para Sartre, compete pois à consciência escolher a melhor maneira de viver a sua relação com o mundo: pela emoção, opta pelo aspecto mágico; pela razão e vontade, opta pelo aspecto real. A vontade é uma atitude realista: rechaçamos a magia e buscamos nossos fins com os instrumentos reais disponíveis. Em uma situação posso me escolher medroso, em outra faço-me corajoso - mas em qualquer caso investimos toda a nossa liberdade. Vontade e emoção são dois modos de manifestação da nossa liberdade, dois expedientes de que nos valemos para viver uma situação dada. (PERDIGÃO, 1995, p. 93).

O pensamento Sartreano vai no levar também a um questionamento: será que os obstáculos que aparecem a nossa frente, impedem a realização de nossa liberdade? As diversas situações ou coisas que nos cercam, podem as vezes trazer para nós a impressão de que não somos livres em nossas escolhas, em nossos projetos, porque sempre algo está a nossa frente querendo impedir a total conclusão destes. Podemos nos perguntar: será que esse obstáculo limitou ou limita minha liberdade? Ou é minha mente quem me leva a achar isso?

O impossível aparece exatamente como uma invenção da própria liberdade, se ao tentar passar por uma estrada completamente cheia de lama de difícil acesso eu acho que não vou conseguir, não é que a estrada seja difícil, mas minha escolha feita de atravessar essa estrada é que tornou está de difícil acesso. Tudo parte do projeto que fazemos, o início está bem aí, as dificuldades que irão surgir depois, são consequências dessa escolha. Paulo Perdigão nos fala muito bem sobre isso:

As coisas que nos cercam. Eis uma montanha íngreme à minha frente. Não há como negar: o penhasco está aí, é menos escalável do que outro, e minha consciência não pode fazê-lo mais suave. Tento escalá-lo e fracasso. Será

então correto afirmar que esse objeto “limitou” a minha liberdade? De modo algum: repete-se aqui o mesmo que foi dito quanto ao sítio. O mundo dado só se revela como “resistente”, “favorável”, “indiferente”, etc., na dependência de meus fins, que coloco livremente e que irão iluminar a realidade objetiva com esse ou aquele sentido. Por exemplo, minha liberdade escolhe um fim impossível: escalar a montanha íngreme. Ora, o penhasco só aparece como obstáculo para algo que pretendo. A impossibilidade surge como uma criação da própria liberdade. Se o penhasco se mostra difícil ou impossível de escalar, isso se deve ao fato de que eu livremente fiz o projeto de escalá-lo, escolhi o penhasco como “escalável”, dotei a montanha de um sentido. (PERDIGÃO, 1995, p. 96-97).

Tudo parte da essência primeira que é a liberdade, podemos fugir de todas as coisas que possam aparecer, só não vamos conseguir fugir da liberdade que está intrinsecamente inserida em nosso ser, não podemos sair a caminhar e imaginar que deixamos a liberdade em casa nos esperando para ao chegar voltar a dirigir nossa vida. Isso é impossível, como um alicerce no qual será edificada a casa ou o prédio, assim é a liberdade, se digo não fui livre, se digo sim também fui livre em minha escolha. A única coisa que não somos livres para escolher é a de não querermos ser livres:

Podemos dizer que a liberdade nos aprisiona nela própria: estamos como que “condenados a ser livres”. A única liberdade que não temos é justamente a liberdade para não escolher sermos livres. A liberdade é um fato contingente que nasce com o nosso Ser. Não posso escolher não ser livre, do mesmo modo como também não escolho ser livre. Se eu pudesse eleger-me livre ou não, isso implicaria uma liberdade prévia de eleição - e, uma vez livre, já ó seria então para sempre. Por isso Sartre observa que não somos fundamento da nossa liberdade, já que não a escolhemos. (PERDIGÃO, 1995, p. 104-105).

Com certeza em nossa mente quando ouvimos Sartre falar sobre liberdade, a busca do ser livre, imaginamos que tudo é alegria, beleza e leveza, pois um homem livre é um homem pleno. No entanto não é bem assim, pois o ser humano a todo instante está fazendo novas escolhas, se determinada pessoa vai até o salão e resolve pintar seu cabelo de castanho, pode ser que na semana que vem esse mesmo indivíduo veja que essa cor não lhe agrada mais, que não combinou com ele. Então na semana seguinte volta ao salão e troca sua cor por outra. E assim ela pode fazer quantas vezes ela quiser, porque o ser humano escolhe constantemente.

De repente alguém resolve comprar uma casa em uma área bem afastada da cidade grande, porque gostou do lugar bem arejado, com muitas plantas e tranquilo para se viver. Mas com algumas semanas morando nesse lugar, começa a perceber a presença de pessoas suspeitas andando pelo terreno, logo ele se dar conta que o lugar onde comprou sua casa não é tão seguro. Imediatamente procura uma nova casa mais próxima da cidade, que tenha mais

circulação de veículos e mais pessoas pelas ruas. Mais uma vez vemos aqui a escolha feita em pouco tempo. A pessoa com certeza ficou angustiada quando percebeu que não fez uma boa escolha ao gastar seu dinheiro para morar em um lugar perigoso como esse. Escolhas livres trazem as vezes certa angústia, a incerteza de não saber se foi certo:

Ao contrário do que parece, a descoberta da liberdade não é uma experiência jubilosa: dela decorrem dois tipos de angústia - uma de origem temporal, outra de natureza ética, ambas decorrentes do fato de o Para-Si, sendo livre, não ter como se precaver contra a permanente possibilidade de fazer nova escolha de sua maneira de ser. (PERDIGÃO, 1995, p. 112).

Já uma vez em liberdade, o homem escolhe-se, nessa eleição por si, prova da angústia. Assim ele, diante da matéria insignificante de um mundo sem sentido, ele se ergue como se de certa forma fosse o seu próprio construtor. Observando o que o cerca, o homem faz sua leitura e monta uma regra de ordenação das coisas, porque ele se torna aquele que dá sentido as coisas quando se encontra sozinho.

No entanto, se é de certa forma uma verdade que o ser-humano produz sentidos, deve ser verdade também que o mesmo abriga significados que já existiam antes de sua existência e se mostram a ele em determinada época de sua vida. O homem está sozinho acompanhado apenas de sua primeira e eterna companheira a liberdade que na angústia é a única que permanece com ele quando este se encontra desprendido de tudo e de todos:

É na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade, ou, se se prefere, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser; é na angústia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesma em questão. (SARTRE, 2011, p. 72).

Sartre diz que a liberdade que se manifesta pela angústia, tem a missão de a todo instante está recriando o Eu que indica o ser livre. Como se ela fosse um antídoto que impulsiona a sempre irmos para frente, a não estagnarmos no espaço, a todo instante lembrando o motivo de nossas escolhas. Esse refazer-se constantemente leva a mente humana a ter forças de ir além do que já se conseguiu alcançar:

Convém sublinhar aqui que a liberdade manifestada pela angústia se caracteriza por uma obrigação perpetuamente renovada de refazer o Eu que designa o ser livre. (SARTRE, 2011, p. 79).

Na visão de Sartre, trazemos presente em nós a angústia, o homem mesmo sendo livre têm que conviver com essa característica que é específica dele que faz parte de sua vida. Mas

nem todos conseguem viver compreendendo esse estado, ocorre que ao longo de sua caminhada o ser humano cria mil e uma coisas para não aceitar que traz consigo a angústia e a liberdade. Vai colocando à sua frente estruturas que servem de desculpa para sua auto aceitação de que não existe um criador dele, mas ele é o seu próprio artífice. Segundo o pensamento de Sartre, nós mentimos a nós mesmos para chegarmos a acreditar que não somos livres, que nossos atos não são responsabilidade nossa, mas de qualquer outro ser ou coisa que nos comande.

O homem, tende a negar-se como liberdade. Segundo o filósofo, a ciência, a religião, a psicologia, determinado marxismo mecanicista, credences populares, influenciaram no intuito de bloquear o homem de sua real natureza. Seja Deus, o nosso inconsciente, a dialética da natureza, seja o que for. Segundo Sartre, tudo isso é para sufocar o ser humano e impedir de que ele possa ser quem realmente ele é, livre:

Por sermos livres, somos angústia. Para mascará-la, precisamos disfarçar a liberdade que somos, e, nesse sentido, usamos cotidianamente diversos expedientes e truques. Mentimos a nós mesmos para acreditar que não somos livres ou responsáveis por nossos atos. Pode-se dizer, de modo geral, que há uma tendência do homem para se negar como liberdade. Sartre considera mesmo que a ciência, a religião, a psicologia, determinado marxismo mecanicista - acrescentaríamos, credences populares (como a astrologia) - inventaram o que chama de "ídolos explicativos de nossa época" - seja Deus, o inconsciente, a dialética da natureza, etc. - basicamente como um esforço para sufocar a nossa liberdade, livrar-nos da angústia, eximir-nos da responsabilidade por nossos atos. (PERDIGÃO, 1995, p. 116).

Nisso podemos perceber que nossas escolhas são feitas por nós mesmos, nos definimos, por nós mesmos. A todo instante estamos atentos para selecionar um valor, ao que deve ser feito, como proceder frente as diversas situações de todos os dias, formamos em nossa cabeça como que uma linha de conduta própria:

No caso da angústia ética, constatada nossa liberdade, advém a certeza de que os valores morais têm como único fundamento possível a nossa decisão de criá-los. A vida é permanente escolha, e, com cada uma de nossas escolhas, escolhemos o que somos, definimos a nós mesmos, por nós mesmos. A cada instante temos de optar por um valor, uma regra de conduta. O que nos angustia é saber que não temos a que recorrer para orientar as nossas escolhas. (PERDIGÃO, 1995, p. 113).

2.3 O certo e o errado

Tudo parte de nossa consciência, para que o certo e o errado existam para nós é necessário que deixemos nossa consciência assim fazer. Se nossa consciência não nos acusa do que é certo ou errado, é porque nós não quisemos. Somos nós que tornamos algo significativo ou não, que nos proibimos de determinadas coisas e outras não. Poderíamos até nós questionar sobre as imposições que nos introduzimos ao nascer, uma série de imposições presentes na sociedade que foram criadas muito antes de nascermos. No entanto elas só são validas para nós, porque assim a fazemos validas:

A liberdade que sou é o único fundamento a que posso me apegar. Não sofro imposições éticas de fora: ao contrário, eu é que faço a imposição, exijo e constituo o valor. “Sou eu quem dá sentido às coisas, que me proíbe disso ou daquilo, que considera isso significante e aquilo não, etc. Os valores dependem de mim e são aquilo que eu houver decidido que sejam”. Para que o certo e o errado existam para mim é preciso que a minha consciência intencione constituí-los como tais. (PERDIGÃO, 1995, p. 113).

Cada um tem a vida que fez por merecer, o covarde se fez covarde, o herói se fez herói e assim sucessivamente. O nosso amor só será maior na medida em que nos dispormos a torná-lo maior. Nossa inteligência será maior a partir do momento que começarmos a investir nela. Isso é uma formulação constante, uma criação constante:

Não queremos ver que, se somos covardes, somos responsáveis pelo ato que nos fez covardes, porque o covarde se faz covarde, assim como o herói se faz herói. Não queremos ver que cada um tem a vida que fez por merecer: “Não há amor diferente daquele amor que se constrói, não há possibilidade de amor senão aquela que se manifesta no amor, não há gênio senão o que se exprime em suas obras”. (PERDIGÃO, 1995, p. 117-118).

Mesmo assim, segundo o pensamento de Sartre nós ainda queremos negar nossa liberdade, mil e uma coisas são inventadas para não sermos quem realmente somos e abraçarmos nossa existência. Segundo Sartre nós criamos a Deus, este que seria quem nos define, quem nos molda como devemos proceder em meio a nossa liberdade. Segundo ele o ser humano quer ser como Deus, todo consciência, porém acaba se frustrando ao longo da caminhada porque não consegue ser com tal. Por meio de uma fé idealiza esse modelo onipresente que vê a todos e não pode ser visto:

Exemplo típico do repúdio à liberdade é a crença em Deus. A existência de Deus, repetimos, encerra uma contradição: Deus seria um sujeito-objeto, um Em-Si-Para-Si, ao mesmo tempo dotado da plenitude de Ser que define o Em-Si (o qual se basta a si mesmo, não necessitando de mais nada para ser o

que é) e consciente como o Para-Si (que não se basta, mas precisa do Em-Si para existir). O homem, em seu projeto fundamental, quer ser como Deus, porém se frustra em ser todo-consciência e todo-coisa. Por uma fé irracional, idealiza esse modelo onipresente que vê a todos e não pode ser visto. (PERDIGÃO, 1995, p. 118).

Somos ao mesmo tempo enganadores e enganados, somos conscientes de se enganar e de ser enganado. Quando nos colocamos como enganadores, estamos ao mesmo tempo nos enganando, e quando nos enganamos, estamos acreditando no que inventamos. Em meio a isso Sartre vai falar sobre a (MÁ-FÉ). Quando digo que sou algo, mas que com o passar dos dias já não me encontro sendo o que falei que era é porque na grande maioria das vezes não tenho condições de permanecer sendo exatamente do jeito que queria ser. O tinteiro sempre será um tinteiro, porque ele está preso a ser um tinteiro e não há como mudar isso. Já com o ser humano não é assim. Podemos nos encontrar de um jeito hoje e a manhã já não sermos os mesmos, porque não estamos presos ao que optamos por ser, não somos um tinteiro que será sempre um tinteiro:

Para achar que sou corajoso, mesmo não o sendo, é necessário que, em um sentido, eu não seja covarde - e também que o seja (senão estaria de boa-fé). Porque se eu fosse um "covarde" do mesmo modo como um tinteiro é um tinteiro, se eu estivesse atrelado ao meu "Ser covarde", sem qualquer possibilidade de não o ser, se eu fosse, em suma, um Ser Em-Si, não seria capaz de Má-Fé. Esta, ao contrário, é prova de que posso, como Para-Si, fazer-me de modo "não sou o que sou", ou, o que dá no mesmo, não fazer-me do modo "sou o que sou". (PERDIGÃO, 1995, p. 119).

Constante mudança, é isso que nós seres humanos somos, uma construção permanente do inacabado. Como diz o filósofo Sartre não precisamos nos enganar, e vedar a liberdade que está inserida em nosso ser, intimamente uma com nossa essência.

3 O QUE O HOMEM FAZ É EM VISTA DE ALCANÇAR A LIBERDADE

Quando nascemos não imaginamos o que nos espera, sem preocupações é a nossa vida, só depois que começamos a construir nossa essência no mundo que as preocupações começam normalmente a surgir. Após a adolescência, já percebemos as coisas totalmente diferente do modo que a conhecíamos quando éramos pequenos, quando tudo nos era dado sem nos preocuparmos.

Mas as coisas mudam e logo nos encontramos frente a nós mesmos presentes no mundo. Nos encontramos fora de nós e conseguimos nos ver, fora de si o homem pensasse, modelasse como deseja que ele seja. É perdendo-se fora de si mesmo que ele faz com que o homem exista. Sem esse perder-se quase que estagnamos sobre o que devemos ser, paramos no tempo como se fôssemos uma construção inacabada. Esse processo falado por Sartre é como se o homem vivesse fora de si e ao mesmo tempo se encontrasse em si, esse processo poderia ser chamado de dualismo, o indivíduo que trabalha-se por dentro e por fora.

O homem supera-se a todo instante, basta que ele queira essa superação, que possa sempre melhorar sua conduta, seu ser. Sempre é capaz de fazer mais, o novo é possível para o ser humano. Gerado com uma capacidade imensa, uma inteligência totalmente diferente dos outros seres que habitam a terra, isso o permite perseguir objetivos:

O homem está constantemente fora de si mesmo; é projetando-se e perdendo-se fora de si que ele faz com que o homem exista; por outro lado, é perseguindo objetivos transcendentais que ele pode existir; sendo o homem essa superação e não se apoderando dos objetos senão em relação a ela, ele se situa no âmago, no centro dessa superação. (SARTRE, 1970, p. 47).

Não existe segundo o filósofo francês, outro universo além do universo humano, o universo da subjetividade humana. O meu olhar para dentro de mim mesmo, transcender, mas como diz Sartre, não no sentido de Deus, mas sim no sentido de superação. O homem na medida que se encontra aberto ao novo, que não permanece fechado, mas sempre presente em um universo humano, ele cresce, evolui do já para o vai ser. Isso seria um humanismo existencialista, uma constante busca de transformar a humanidade dos indivíduos em algo mais edificante em sua existência, essa ascensão do homem ocorre em todos os instantes de sua vida, até mesmo quando ele pensa não está evoluindo. Só não vai acontecer quando ele morrer, aí sim nossa transformação constante some junto:

Não existe outro universo além do universo humano, o universo da subjetividade humana. É a esse vínculo entre a transcendência, como elemento constitutivo do homem (não no sentido em que Deus é transcendente, mas no sentido de superação), e a subjetividade (na medida em que o homem não está fechado em si mesmo, mas sempre presente num universo humano) que chamamos humanismo existencialista. (SARTRE, 1970, p. 47).

Para nos construirmos é necessário ficarmos sozinhos, no sentido de encontrarmo-nos com nós mesmos, como que frente a um espelho, onde podemos nos ver. Sartre vai utilizar muito o termo “humanismo”, para levar o homem a uma reflexão sobre ele. Segundo o pensador esse termo humanismo é para levar-nos a perceber que não existe outro legislador, uma outra pessoa capaz de nos dizer ou nos refazer como deveríamos ser, e sim que nós somos os responsáveis por nossa própria conduta. E algo mais profundo ainda Sartre têm a dizer que é o encontro do desamparo, quando o ser humano se vê sozinho, desamparado. Segundo o filósofo, é exatamente nesse momento que o homem tem em mãos a arma para crescer, têm os degraus necessários para subir. (SARTRE, 1970, p. 24) Nesse desamparo ele buscará determinada libertação, realização particular, é nesse estado da vida que ele tem todas as capacidades para se completar enquanto ser humano:

Humanismo, porque recordamos ao homem que não existe outro legislador a não ser ele próprio e que é no desamparo que ele decidirá sobre si mesmo; e porque mostramos que não é voltando-se para si mesmo mas procurando sempre uma meta fora de si – determinada libertação, determinada realização particular – que o homem se realizará precisamente como ser humano. (SARTRE, 1970, p. 47).

Tudo é a busca, é o fazer tendo em vista sua felicidade, o que, no entanto, nós não percebemos as vezes é que para que essa felicidade possa chegar, devemos convencemo-nos de que é necessário reencontrarmo-nos e enxergarmos que nada pode salvar-nos de nós mesmos. Quando o homem se convencer disso, ele poderá chegar à felicidade, porque vai perceber que não precisa fugir do outro, mas se sentar frente a ele mesmo e depara-se com seus monstros existenciais: “É preciso que o homem se reencontre e se convença de que nada pode salvá-lo dele próprio, nem mesmo uma prova válida da existência de Deus”. (SARTRE, 1970, p. 48).

Pelo que se percebe, o homem é um ser que não se contenta com pouco, sempre está à procura de algo. Na grande maioria das vezes é um ser que olha além do seu tempo, um sonhador. Sartre vai dizer que o homem se vê no outro lado do mundo, isso para percebermos como é grande seu desejo de crescer, de buscar as lonjuras inimagináveis. Nesse desejo de crescimento, o ser completamente livre, encontra-se contra seus próprios pensamentos de

pequenez, não aceita ser o menos, mas o mais. Isso quando é um homem de mente evoluída que deseje a todo instante dar um passo à frente: “O homem se anuncia a si do outro lado do mundo, e volta a se interiorizar a partir do horizonte: o homem é um ser das lonjuras. (SARTRE, 2011, p. 59).

Sartre se utiliza da expressão ‘si-mesmo’, para designar o homem que vai além do mundo, ou seja, além da totalidade do real. Isso só acontece porque é como uma emergência da realidade humana no nada existencial da sua vida. O constante impulso do encontrar-se no nada e subir as alturas desse. Somente quando se encontra no nada que o ser pode transcender a si mesmo. A realidade humana vem, surge como uma emergência do ser frente ao não ser ainda, isso se dá quando nos encontramos como que em um mundo suspenso no nada. Esse suspenso no nada refere-se ao ser humano que quando já não está contente com suas escolhas, conquistas, deseja algo novo, nisso seu mundo começa a mudar, o ser começa buscar sentido novamente no nada que mais uma vez renasce diante dele, o não conformismo com o que tem. Seu mundo torna-se “suspenso no nada”:

É no movimento de interiorização que atravessa todo o ser que o ser surge e se organiza como mundo, sem que haja prioridade do movimento sobre o mundo ou do mundo sobre o movimento. Mas esta aparição do si-mesmo para além do mundo, quer dizer além da totalidade do real, é uma emergência da “realidade humana” no nada. É somente no nada que pode ser transcendido o ser. Ao mesmo tempo, o ser se organiza em mundo do ponto de vista do transmundano, o que significa que a realidade humana surge como emergência do ser no não ser e, por outro lado, que o mundo se acha “em suspenso” no nada. (SARTRE, 2011, p. 59-60).

3.1 O existencialismo é um humanismo

Sartre escreve sua obra *O Existencialismo é um Humanismo* após passar pela segunda guerra mundial. Nessa obra vai falar do sentido da existência humana, em sua liberdade. Ele é um dos maiores exemplos de como o homem pode encontrar-se livre, logo após passar por uma experiência tão cruel como uma guerra. Ser liberto aqui não significa locomoção de um espaço ao outro, mas ter condições psicológicas de se libertar das lembranças não muito boas que um indivíduo pode possuir de um período de lutas como é a guerra.

Sartre vai dizer que o existencialismo é uma doutrina que leva o homem a ter uma vida humana mais possível. Uma doutrina que mergulha no mais profundo e puxa as maiores reflexões que se poderiam fazer, levando assim as pessoas a uma transformação que parte de

dentro para fora. Sartre, porém, diz que recebe muitas críticas, porque os existencialistas destacam muito o lado negativo das pessoas. No entanto o que muitos não sabem é que ele assim como os demais existencialistas, pegam o que seria insignificante para outros e dessa negatividade faz surgir uma positividade, porque faz a pessoa perceber-se responsável por sua própria transformação que não começa do objetivo para o subjetivo, mas o contrário.

A negatividade da vida humana esconde por detrás de si, a plena positividade, a prisão que muitos indivíduos passam é devido não terem olhado para dentro de si e pensando que podem começar novamente seu trabalho de mudança, de renovação de ser em vista de sua liberdade. Nisso fecham-se, enquadram-se em uma prisão a qual eles mesmos têm a chave para serem livres. O medo de confrontar-se leva muitos a desistirem de seus sonhos de liberdade:

De qualquer modo, o que podemos desde já afirmar é que concebemos o existencialismo como uma doutrina que torna a vida humana possível e que, por outro lado, declara que toda verdade e toda ação implicam um meio e uma subjetividade humana. A crítica básica que nos fazem é, como se sabe, de enfatizarmos o lado negativo da vida humana. (SARTRE, 1970, p. 5).

Uma coisa deve ser lembrada em meio a essa busca por liberdade. Na visão dele, de Sartre, temos que ter em mente que não basta apenas querer viver uma vida de liberdade sem ter que nos depararmos com as responsabilidades que vão aparecer em nossa frente. Vamos ter que responder as diversas situações que irão surgir em meio a esse desejo constante por livre arbítrio. Assumir o papel como autor de todas as suas escolhas feitas. Nesse sentido, o conceito sartriano de liberdade está ligado de modo direto a noção de responsabilidade que cada ser humano deve ter.

Porque é o nosso eu particular quem dá sentido ao seu ser no mundo, não é a outra pessoa que vai fazer a nossa essência, não, não, quem vai fazer somos nós, por meio das milhares de escolhas que fazemos ao longo de nossa existência. Só nos resta responder com satisfação todos os nossos atos até então praticados, por nosso projeto individual que geramos ao longo de nossa vida terrena:

O homem, estando condenado a ser livre, carrega nos ombros o peso do mundo inteiro: é responsável pelo mundo e por si mesmo enquanto maneira de ser. Tomamos a palavra "responsabilidade" em seu sentido corriqueiro de "consciência (de) ser o autor incontestável de um acontecimento ou de um objeto". Nesse sentido, a responsabilidade do Para-si é opressiva, já que o Para-si é aquele pelo qual se faz com que haja um mundo, e uma vez que também é aquele que se faz ser, qualquer que seja a situação em que se

encontre, com seu coeficiente de adversidade próprio, ainda que insuportável; o Para-si deve assumi-la com a consciência orgulhosa de ser o seu autor, pois os piores inconvenientes ou as piores ameaças que prometem atingir minha pessoa só adquirem sentido pelo meu projeto; e elas aparecem sobre o fundo de comprometimento que eu sou. (SARTRE, 2011, p. 678).

Sartre nos alertar ainda, sobre a questão de queixar-se sobre determinados acontecimentos de nossa existência, pois ninguém e nem nada alheio ditou aquilo que somos ou como vivemos. Segundo o autor o que acontece conosco, acontece por nossa própria conduta, e não podemos nos deixar afetar por tais momentos em nossa existência. Ele nos alerta que temos que ter consciência, que estamos sempre a altura do que nos acontece. Não nos deixemos abater pelo que chega, e nem deixar que as situações fiquem acima de nós, como que sendo nossas donas. Tudo o que acontece a um ser humano por meio de um outro homem, é e não poderia ser outra coisa do que uma atitude e consequência humana.

As guerras, as mais atrozes que já houve, foram consequências humanas, as mais horrendas torturas, psicológicas, corporal, foram criadas por indivíduos humanos. Não foram seres inumanos que nos mostraram tais coisas, segundo ele, não há situação inumana, só se recorrermos a mágicas, a seres espirituais, a algo fora de nossa existência, que vai determinar alguma coisa que esteja além das capacidades do ser homem, fora isso, devemos assumir nossas construções:

É insensato pensar em queixar-se, pois nada alheio determinou aquilo que sentimos, vivemos ou somos. Por outro lado, tal responsabilidade absoluta não é resignação: é simples reivindicação lógica das consequências de nossa liberdade. O que acontece comigo, acontece por mim, e eu não poderia me deixar afetar por isso, nem me revoltar, nem me resignar. Além disso, tudo aquilo que me acontece é meu; deve-se entender por isso, em primeiro lugar, que estou sempre à altura do que me acontece, enquanto homem, pois aquilo que acontece a um homem por outros homens e por ele mesmo não poderia ser se não humano. As mais atrozes situações da guerra, as piores torturas, não criam um estado de coisas inumano; não há situação inumana; é somente pelo medo, pela fuga e pelo recurso a condutas mágicas que irei determinar o inumano, mas esta decisão é humana e tenho de assumir total responsabilidade por ela. (SARTRE, 2011, p. 678).

3.2 A responsabilidade pelos atos

Tudo se passa como se estivéssemos forçados a ser responsáveis por tudo, de nossa vontade ou não somos obrigados. Somos abandonados no mundo, não na perspectiva de que estamos desamparados, sem ação nesse universo, segundo ele como uma tábua que flutua sobre a água sem direção certa.

Mas, uma vez que nos deparamos com um ser que é transcendente no sentido que permanece sempre a distância de terminar-se, sempre imprevisível, o que resta é gerar sua liberdade, e ao fazer isso, ter consciência que vamos ter que responder pelo que vem dessa atitude de criar liberdade. E em todas as nossas ações devemos carregar nossa responsabilidade, os significados que são formados pelo homem no mundo, os valores existentes em sociedade, tudo que ao longo do tempo é gerado pela nossa ação, deve vir acompanhado pela marca de nossa responsabilidade. Isso é o que devemos carregar por sobre os nossos corpos, o peso da liberdade:

Portanto, tudo se passa como se eu estivesse coagido a ser responsável. Sou abandonado no mundo, não no sentido de que permanecesse desamparado e passivo em um universo hostil, tal como a tábua que flutua sobre a água, mas, ao contrário, no sentido de que me deparo subitamente sozinho e sem ajuda, comprometido em um mundo pelo qual sou inteiramente responsável, sem poder, por mais que tente, livrar-me um instante sequer desta responsabilidade, pois sou responsável até mesmo pelo meu próprio desejo de livrar-me das responsabilidades. (SARTRE, 2011, p. 680).

Não podemos permanecer em cima do muro, indecisos sem alegar nada, mergulhados no nosso silêncio, isso de maneira alguma vai nos deixar isentos do que acontece no mundo. Sartre vivenciou a Segunda Guerra mundial, ele se utiliza dela para nos dizer que se formos convocados a comparecer para servir em uma guerra, não podemos nos esquivar da situação com a desculpa que foram outros que a fizeram, que a provocaram. Porque só pelo fato de termos permanecido quietos enquanto todos os acordos eram feitos, só isso já nos torna comprometidos com o momento, pois poderíamos ter protestado junto a um partido contra tal acontecimento. Nossas ações ou omissões não podem ser criadas sobre o solo de uma forte neutralidade, o mundo não permanece sem receber nossas reações só porque não queremos nos manifestar, expor ou não nosso ponto de vista, de todos os modos já estamos comprometidos, enquanto existência tivermos:

Se sou mobilizado em uma guerra, esta guerra é minha guerra, é feita à minha imagem e eu a mereço. Mereço-a, primeiro, porque sempre poderia livrar-me dela pelo suicídio, ou pela deserção: esses possíveis últimos são os que devem estar sempre presentes a nós quando se trata de enfrentar uma situação. Por ter deixado de livrar-me dela, eu a escolhi; pode ser por fraqueza, por covardia frente à opinião pública, porque prefiro certos valores ao valor da própria recusa de entrar na guerra (a estima de meus parentes, a honra de minha família etc.) de qualquer modo, trata-se de uma escolha. Essa escolha será reiterada depois, continuamente, até o fim da guerra; (SARTRE, 2011, p. 678-679).

Portando, não adianta ficarmos imaginando como poderia ter sido nosso destino se tivéssemos tomado outro rumo na vida ou feito outras escolhas que não fossem as que tomamos até então, ou se as circunstâncias presentes no mundo ao qual vivemos tivessem sido completamente o oposto do que vemos hoje. Retroceder não vai mudar em nada nossa atual situação, não vamos conseguir apagar o que já foi feito porque desejamos fazer diferente. De maneira nenhuma, as escolhas feitas uma vez e executadas em nossas vidas, não vão ter como serem mudadas, nossa existência vai permanecer a mesma, exatamente como estamos.

Mesmo tendo visto os horrores de uma guerra, Sartre não perdeu suas esperanças no novo que poderia vir. Mas contemplando novos horizontes se utilizou do vivido, sem querer mudá-lo. Deixando claro para nós que as experiências as quais passamos dentro de nossa liberdade, servem de alicerce para implantarmos o novo.

Como um dos grandes do existencialismo, que levam as pessoas a se confrontarem com o mais profundo do seu eu, ele foi criticado várias vezes por propagar tal doutrina, tal pensamento. Na sua obra o *Existencialismo é um Humanismo*, nessa conferência o filósofo vai responder críticas sobre o existencialismo, o porquê de tal doutrina? Se negam a Deus ou não, se pregam a angústia ou não para os cidadãos. E ele tranquilamente vai respondendo a todas as perguntas que dizem respeito ao pensamento a qual ele estava inserido. Nisso chegará à conclusão de que as pessoas têm medo de si mesmas, se utilizam de desculpas para não evoluírem e conscientizarem-se que são o que são e nada vai torná-las diferente do que se tornaram. Elas se construíram exatamente como são e não vão conseguir mudar o cenário passado:

Portanto, é uma perda de tempo perguntar que teria sido eu se esta guerra não houvesse eclodido, posto que me escolhi como um dos sentidos possíveis da época que imperceptivelmente conduzia à guerra; não me distingo desta época mesmo, nem poderia, sem contradição, ser transportado a outra época. Assim, sou esta guerra que demarca e torna compreensível o período que a antecedeu. (SARTRE, 2011, p. 679-680).

Colocar uma cortina frente a existência que está a nossa frente ou fechar as situações com cadeados para que elas não façam efeito em nossa mente não vai dar muito certo. Tudo isso é desgastar-se, perder energia se alto enganando. O certo é fixar os pés no chão e trabalhar com tudo o que se tem em mãos, isso será de maior proveito do que auto enganar-se. As vezes queremos fingir que algumas coisas poderiam ser diferentes, desejamos que tudo aquilo que incomoda, traz dor ou tristeza desapareça de nossa mente em um passe de mágicas, porque tudo isso mexe conosco, nos leva a caminhar com peso na mente.

Sartre escreveu na sua obra *O Testamento de Sartre* (1980) que vivia uma vida normal, ele narra que junto com seus amigos se ocupava de literatura, era feliz sem se preocupar com o que poderia acontecer a ele ou a eles. E de repente estourou a guerra, a segunda guerra mundial que mexeu com a vida de todos, ele diz que se sentiu completamente privado do mundo que acreditava que tinha diante dele. Tudo aquilo que ele viveu mudou e transformou-se em um mundo de miséria, malefícios e desespero. Mostrando assim para nós que o filósofo assim como cada ser humano teve seu desejo por uma vida feliz, uma feliz liberdade sem tantas situações de dor.

Ele assim como tantos, era mais um jovem que ansiava construir sua vida na paz e tranquilidade, desejava permanecer no momento de felicidade. Só que as circunstâncias da vida chegaram e modificaram as coisas para toda a população mundial, levando os homens a repensarem sua maneira de ver o novo mundo que surgia a sua frente, não tão belo como o que existiu antes das misérias da guerra ou como ele diz também da ocupação alemã que devastou tantas vidas. Em meio a tudo isso o filósofo não perdeu sua esperança, ele disse que recusou a possibilidade de desespero que era frequente a sua volta, não se deixou abalar, mas juntou-se a um grupo de amigos que assim como ele olharam para frente e sonharam com algo melhor, que desejavam lutar por um futuro feliz, embora naquele exato momento não houvesse qualquer possibilidade de existência para o futuro:

Entre 1939 e 1945 não fazia política. Me ocupava de literatura, vivia com meus amigos, era feliz... Subitamente estourou a guerra e, aos poucos, sobretudo depois da derrota e da ocupação alemã, eu me senti completamente privado do mundo que eu acreditava ter diante de mim. Encontrei-me diante de um mundo de miséria, de malefícios e desespero. Mas recusei esta possibilidade de desespero que tão frequente à minha volta e aliei-me a amigos que não se desesperaram, que pensavam no que era possível fazer, lutar por um futuro feliz, embora no momento parecesse não existir absolutamente qualquer possibilidade de existência para este futuro. (ALMEIDA, 1988, p. 7-11).

Sartre é um exemplo para nós de que ficar preso aos males só vai trazer mais sofrimento e obscurecer o vasto caminho que temos a nossa frente. Pode até em certos momentos nos depararmos com situações que nos levem a imaginar que não há saída assim como aconteceu com ele. No entanto ele é uma prova viva de que há possibilidade até mesmo a onde parece não existir nenhuma, mas essa confiança só vai vir se se erguer a cabeça e desejar o novo, sem ficar preso, só vai dar certo se houver recusa do desespero, desesperar-se e ficar estagnado no lugar esperando o mundo findar, ou nossos dias no mundo se acabarem não vai ajudar em nada.

Algo importante é o otimismo, e juntando o nosso otimismo com o de outros que tem o mesmo sentimento, é bem mais fácil de prosseguir. *O Testamento de Sartre* (1980). Assim fez o filósofo, nesse sentido também podemos fazer o mesmo, olhar nossa existência como algo que sempre tem o que nos oferecer de novo, a novidade que sempre aparece a nossa frente. A partir desse momento de sua existência Sartre começa a aprofundar-se no existencial humano, olha com interesse para o estudo dos fenômenos que circundam o homem, a fenomenologia do filósofo Husserl chama a sua atenção.

Agora no pensamento de Sartre, é hora do homem olhar para dentro de si, explorar seus fenômenos mais internos, estudar o seu eu particular para expandir sua visão da existência humana como um todo. Ele deixa bem claro que o tempo que passou na guerra serviu para explodir seu desejo de motivar os homens a olharem e compreenderem que tem grandes possibilidades, que sempre há algo a se fazer e que as grandes revoluções começam a partir de um indivíduo e depois se expandem para a massa como um todo. E que tudo isso é em busca de uma liberdade feliz, essa que sempre nos acompanha em tudo o que fazemos, exatamente tudo, sempre é com o intuito de nos encontrarmos livres de cadeias que possam nos prender, cadeias essas que não necessariamente são de ferros a nossa frente, mas que estão na grande maioria das vezes dentro de nossa mente, nos aprisionando nos impedindo de seguir, é necessário olhar nossa existência, as vezes fazer como que um Raio X do nosso interior e olhar como vai estão as coisas por dentro, se as circunstâncias externas ou internas estão nos impedindo de crescer de criar o novo. Tudo o que fazemos é para alcançarmos a liberdade desde sempre desejada.

4 ATUALIZAÇÃO DO CONCEITO SARTREANO DE LIBERDADE

4.1 A era da tecnologia avançada

Estamos no século vinte e um, o século considerado por alguns teóricos como pós-modernidade. Isso devido as constantes evoluções e mudanças que estão acontecendo com uma enorme velocidade, que muitas vezes alguns não conseguem acompanhar a correria desenfreada deste tempo no qual vivemos. A tecnologia está super avançada, o que antes era ficção tornou-se verdade, a inteligência artificial antes sonhada, hoje faz se presente em nossos aparelhos tecnológicos que estão cada vez mais sofisticados. Uma série de aplicativos de entretenimento foram criados nesta era do entretenimento virtual.

Com a sofisticação dos aparelhos celulares ficou possível se comunicar com maior rapidez, a socialização já não acontece somente presencial, no tempo atual as pessoas se conhecem, trabalham, estudam etc, pelos meios digitais. Algo que veio para tornar os indivíduos mais livres, sem precisarem sair do seu lugar para ir atrás do que desejam. Isso tudo graças aos avanços tecnológicos.

Sartre diz que o homem é livre e é capaz de fazer o que ele quiser, pode pensar o nada que ainda não existiu e torná-lo realidade. Mas dizer que podemos fazer tudo, não significa que nós seres humanos vamos sair fazendo tudo o que quisermos sem observarmos as circunstâncias de nossos atos. Não quer dizer conferir ao homem o poder de caprichosamente e ao acaso realizar tudo o que vier na sua cabeça. Todo ato tem suas consequências, nada pode ficar sem reparação, isso seria uma completa injustiça e falta de caráter para com um presente tão belo como é a liberdade:

Afirmar que o homem é livre não significa conferir-lhe o poder ou o destino de agir caprichosamente e ao acaso. O homem é livre no sentido em que pode livremente decidir do seu próprio comportamento, escolhendo os seus próprios valores, assumindo uma determinada atitude em relação ao seu próprio futuro, presente e passado. No plano ontológico, a liberdade é a possibilidade do para-si existente de negar a sua própria facticidade em-si, transcendendo-a em direção a uma 'outra' situação. (MORAIVA, 1985, p. 65).

No século passado nos relacionávamos por meio do rádio, impressa, telégrafos e olho no olho, observando presencialmente o comportamento do outro e o outro observando o nosso, ou como diz Sartre (o Para-si de frente com outro Para-si). Fora essa convivência tínhamos comunicação por meio de ligações e cartas que na maioria das vezes demoravam a

chegar no seu destino. Já não é mais assim, a resposta já pode ser imediata, ouvindo e vendo a pessoa ao mesmo tempo. As chamadas Redes Sociais apareceram e transformaram nosso modo de socialização. As cartas ficaram quase que no passado, já não são tão usadas.

Nas redes sociais vemos nossa liberdade ser exposta e as consequências de nosso ser livre já não estão tão escondidas depois de adentrarmos ao mundo digital. Ao nos relacionarmos com outros indivíduos, percebemos que nossa liberdade fica meio que condicionada a deles. O ser humano deixa de ser sujeito, e passa a ser um objeto, uma coisa para outras pessoas, outras consciências que nos colocam em alvo. Já não somos sós, mas vários. Alvo da liberdade do próximo, isso acontece a partir do momento que resolvemos conviver no mundo virtual.

E como acontece esse processo de nos transformarem em uma coisa, uma coisificação de nosso eu? Acontece através do olhar do outro, Sartre disse que o olhar nos desloca para além do nosso ser neste mundo. Esse pensamento se encaixa perfeitamente no tempo atual. Se o outro não corresponde as minhas expectativas, se não mostra o que desejo ver ou se me critica e não é conivente com meu pensamento, automaticamente eu o bloqueio de minhas redes sociais ainda o denúncia para outros perfis. O que seria isso? Seria a expressão de cadeias construídas para a liberdade de expressão em meio ao século.

De todas as formas a luta do homem continua, sempre será prisioneiro de um jeito ou de outro, até que tome consciência de suas criações. Somos objetos para o outro, somos admirados, invejados, mas isso tem um limite, um preço a ser pago se caso nós quebrarmos a fantasia existente, logo seremos objetos de críticas, a sensação incomoda de existir como objeto para os outros faz parte de nosso mundo exterior. Não podemos mais escapar do novo mundo, é uma constante relação de conflito (interfaces):

Ao relacionar-se com os demais indivíduos, o homem vê sua liberdade condicionada pela liberdade alheia. De sujeito, torna-se objeto, coisa, para as outras consciências alvo da liberdade do próximo. Mas, de que maneira se verifica esse processo de coisificação? Através do olhar do outro, olhar, diz Sartre, que me desloca para além de meu ser neste mundo, lança-me no meio do mundo, que é, simultaneamente, este mundo e mais além. A consciência, o 'para-si', experimente a sensação incômoda de existir como objeto para os outros, como parte de seu mundo exterior. Existe através do olhar alheio, que assim a fixou. Existe porque é percebida – é um 'ser-para o outro'. Por isso, o 'ser-com' é uma relação de conflito. (PENHA, 1989, p. 79-80).

Devemos ter cuidado para que, na ânsia de liberdade, não acabarmos fazendo o oposto, criando mecanismos que ao invés de nos libertar na verdade nos aprisionam. Nossas criações ao longo dos anos demonstram isso, nossa sede por liberdade nem sempre foi

concretizada porque nossos próprios atos não favoreceram esse desejo, a sede pelo novo as vezes nos leva a nunca saciar nossa sede, abrir os olhos nem sempre é sinal de que se vai enxergar tudo com clareza, mas que pode levar os indivíduos a uma cegueira maior ainda, só que de olhos abertos.

O que fazer quando percebemos que nem tudo é o que parece, que nossas vidas são observadas por grupos que estão muito acima de nós e que nos vigiam por meio das altas tecnologias presentes em nossos aparelhos tecnológicos? Olhando para o pensamento de Sartre, será que ainda podemos encontrar liberdade em meio a isso? Seria possível ainda dizer que estamos vivendo como indivíduos libertos, despreocupados com o que diz respeito a cadeias que possam nos privar de sermos livres? Colocando para o nosso tempo atual dizemos que somos livres, ao menos é o que falamos na teoria:

Que fazer, portanto quando, [...] nos damos conta de que não somos senhores absolutos de nossos destinos e que ideologias e corporações são muitas vezes os verdadeiros mestres por trás de nossas ações? É possível ainda utilizar a palavra liberdade quando tomamos consciência do papel poderoso que tais forças exercem sobre nós? É possível ser livre vivendo em um tempo em que, por toda parte, impera um sistema que capitaliza todas as forças, maquínicas e humanas, transformando vida em lucro e o resto em lixo? Pode-se falar em liberdade diante do mundo que se nos apresenta, em que um terço da população do planeta sofre de fome e guerra desnecessariamente, enquanto menos de 1% concentra riquezas incalculáveis? Jean-Paul Sartre diria que sim. (ACSELRAD, 2013, p. 2).

Um avanço na comunicação, um crescimento na locomoção, tudo isso em prol do lucro que podemos obter, graças a uma total revolução no mundo das tecnologias. Agora vivemos como se estivéssemos em dois mundos, temos que nos dividir entre o mundo real e o mundo digital ou se pudéssemos utilizar outro termo, utilizaríamos o do universo virtual. Atualmente tudo gira em torno desse novo universo que contém nele toda a atenção. Das pessoas mais simples as mais cultas, das pequenas as grandes empresas todas tiveram que se adaptar aos novos recursos de comunicação, se utilizando do mundo das mídias.

Uma rapidez impressionante nos pedidos quanto nas entregas, tudo em tempo real, coisa que a alguns anos atrás fazia parte apenas da famosa ficção científica algo inimaginável a nossos antepassados que não presenciaram o que contemplamos nos tempos atuais. Mesmo com toda essa facilidade de nossos dias, mesmo assim em meio a tudo isso que veio para nos ajudar, ainda assim surge uma contradição. Será que toda essa velocidade de informações para nos ajudar no tempo e na distância não nos levou a não percebermos o tempo passando sem cuidá-lo dele como deveríamos? Será que ao mesmo tempo que ficamos mais perto dos que

estavam do outro lado do mundo, também não ocorreu que nos afastamos dos que se sentam ao nosso lado todos os dias? É um questionamento que devemos fazer mesmo em meio a todo esse maravilhar-se do mundo da facilidade:

A tecnologia talvez seja o grande exemplo da busca humana por mais e mais liberdade. Mas aí também reside um paradoxo. Não é sem ironia que, ao percebermos criticamente os diversos avanços tecnológicos que nos cercam, notamos que toda tecnologia, na mesma medida em que liberta, produz um novo tipo de aprisionamento e, na mesma medida que aproxima, afasta. (ACSELRAD, 2013, p. 2).

Todo esse contexto e estrutura que ao longo dos anos fomos criando, foi em vista de mais liberdade, nossa busca por ultrapassar nossos horizontes e chegarmos a outros sem nem mesmo sairmos de onde estamos, apenas com um pequeno toque na tela de um aparelho digital. Mas acarretou uma nova reflexão, no sentido de que a sociedade atual não consegue mais viver sem o mundo digital, ao mesmo tempo que nos libertou nos aprisionou, pois tudo gira em torno dessas novas redes. Supostamente ganhamos mais tempo, com uma série de aplicativos que foram criados para facilitar nossa vida e nos garantir mais segurança nos tirando do meio das intermináveis filas de espera presentes em todos os espaços que semanalmente temos que circular. Apenas um toque e nosso alimento chega a nossa residência, nosso transporte vem nos pegar em nossa casa, muitos de nós já não utilizamos tanto o próprio carro, porque preferem chamar pelo aplicativo um meio de transporte.

Não seria um exagero falarmos que ficamos mais vulneráveis, porque nossas informações agora são monitoradas em tempo real, com uma maior facilidade. Nossas redes estão a todo instante interligadas. Nossos dados já não são secretos como noutros tempos, dispositivos cujo funcionamento nos pede informações pessoais para poder funcionar. O suposto tempo livre que ganhamos ao mesmo tempo se reverte no oposto, pois a maioria das pessoas passam horas diante da tela de um aparelho celular, mergulhados nos inúmeros aplicativos, entre esses: Instagram, facebook, Whatsapp. Nem sempre sabemos gastar o tempo que a tecnologia nos favoreceu:

Será que as inúmeras tecnologias, especialmente aquelas que revolucionaram as comunicações, mudando nossa percepção de tempo e espaço, não criam tanta ou mais dependência do que a liberdade que oferecem? Não nos tornamos mais vulneráveis e, portanto, menos livres quando dependemos cada vez mais de dispositivos complexos, cujo funcionamento muitas vezes desconhecemos? E o suposto tempo que ganhamos ao utilizar essas tecnologias, será que refletimos sobre a forma como ele será utilizado? (ACSELRAD, 2013, p. 2).

Grande parte das pessoas deseja realizar mais tarefas em menos tempo, poder comparecer em mais eventos e ao mesmo instante não se sufocar com a quantidade de compromissos que ambas desse século têm. Isso seria sinal de liberdade ou nova forma de escravidão disfarçada de facilidade? Apenas os anos mudam, as gerações se renovam, mas nossa sede por sermos seres completamente livres permanece a mesma e se utiliza de novos mecanismos que são criados de tempos em tempos para que ela se torne real.

Nossa liberdade dentro da tecnologia gera lucros para alguns, muitos crescem graças ao nosso navegar pelas redes sociais. Podemos perceber o conflito que acarreta quando algum dos aplicativos digitais param por algumas horas, é como se o mundo parasse por um pequeno espaço de tempo. Mostrando assim que nos libertamos, mas ao mesmo tempo nos aprisionamos, nos sufocamos em nossas sofisticadas criações, em nossas redes de comunicação fora do normal. Raramente a maioria das pessoas tira um tempo para dedicar-se ao ócio criativo, sua liberdade está condicionada a uma vida além-mundo real. É como se pudéssemos nos avaliar: somos livres, a desejamos, no entanto, queremos permanecer presos ao mesmo tempo. Um constante dualismo presente nos tempos modernos ou pós-modernos:

Adianta mesmo “ganhar tempo” fazendo uso de um dispositivo tecnológico comunicacional se o tempo que for ganho reverter em uma utilização ainda maior desses mesmos dispositivos? Vale a pena poupar tempo se todo ele será reinvestido na produção? Estão todos obcecados em ganhar tempo, em realizar cada vez mais tarefas em cada vez menos tempo. Mas isso é sinal de liberdade ou uma nova forma de aprisionamento? O tempo ganho é realmente ganho? O fato é que, na maioria das vezes, o tempo que ganhamos graças à tecnologia acaba sendo capitalizado pela própria tecnologia e raras vezes pode ser dedicado ao ócio, à criatividade, às artes ou à filosofia. Mas que se há de fazer? Afinal, somos ou não somos livres para fazer o que quisermos de nosso tempo e de nossa vida? (ACSELRAD, 2013, p. 2).

4.2 O em-si e o para-si

Sartre ao refletir sobre a liberdade do homem, talvez nem imaginava que esse tema seria tão abordado através dos que viesse posteriormente a ele, ou que se colocaria em destaque e em constante jogo esse desejo tão presente em tudo que o ser humano faz, principalmente o homem do século vinte e um que anseia cada vez mais por uma existência fora de prisões exteriores e interiores. O filósofo João da Penha (1947-2020) comentando sobre Sartre, fala sobre o termo ‘em-si’, que é utilizado por Sartre em algumas de suas obras. Segundo Penha “tal termo é usado para designar o mundo das coisas materiais, aquilo que se

encontra fora de nós, coisas como plantas, pedras, etc. Contém uma existência em si mesmas, são atemporais”. (PENHA, 1989, p. 76).

Dentro desse contexto poderíamos dizer que nossas criações modernas se tornaram além tempo real, ultrapassaram o nosso imaginável. Coisas exteriores que nos levam para fora de nosso mundo, nos redimensionando no universo do ‘para-si’, que é o mundo da nossa consciência, algo que está dentro de nós. Podemos perceber isso nos jogos sofisticados que se utilizam apenas de nossa imaginação para gerarem movimento em um mundo virtual. Com o avanço em suas técnicas e em seus estudos, nossos cientistas conseguem fazer uma junção desses dois termos ‘em-si’ e o ‘para-si’, como se os objetos inanimados ganhassem vida quando comandados por nossa mente, apenas se utilizando de um capacete virtual que leva corrente elétrica por seus fios.

Ir além de suas limitações já não significa barreiras geográficas como no passado o homem fazia grandes expedições para encontrar novas terras, agora a busca está exatamente no seu íntimo, meios que possam se utilizar de nossos pensamentos para gerar outras coisas, produzir o inimaginável, tudo em vista da liberdade. O mundo da consciência também é desejado por estudiosos que querem levar o homem ao extremo de suas realidades possíveis e até impossíveis. A pós-modernidade está nos mostrando isso, a “sociedade gasosa” que a poucos anos era chamada de “sociedade líquida”¹, avanços fora do normal, nisso porque não buscar também naquilo que tem a existência por si mesma, ou seja, nossa consciência:

O ‘em-si’ corresponde ao mundo das coisas materiais (pedras, plantas, etc.), aquilo que se encontra fora do sujeito, que tem existência em si mesmo, atemporal. O ‘para-si’ é o mundo da consciência, aquilo que tem a existência por si mesmo, a realidade humana. A consciência é um ‘ser-para-si’ porque é auto-reflexiva, porque pensa sobre si mesma. (PENHA, 1989, p. 76).

Somos seres que temos uma capacidade impressionante de imaginar, de transcender ir além do momento presente. Nossa imaginação que tem o poder de recriar as coisas quando elas não estão presentes fisicamente, nisso podemos ver o poder que temos dentro de nós. Como viver ou permanecer no mesmo lugar sem precisar exatamente tê-lo fisicamente? Nossa consciência se utiliza de nossa imaginação e conseguimos fazer isso. Sartre faz essa junção do nada e da liberdade. O sempre está voltado para dentro e ao mesmo tempo para fora, uma máquina incrivelmente sofisticada contendo o computador de maior memória que pode existir, assim é o homem e sua imaginação:

¹Expressão criada pelo filósofo polonês, Zygmunt Bauman (1925-2017).

A capacidade do 'para-si' de modificar as coisas, de imaginar o nada, é a prova de sua liberdade. Mas o que leva Sartre a estabelecer o nexa entre nadaificação e liberdade? Lembremos aqui que Sartre adota como método de análise filosófica os princípios básicos da fenomenologia. A exemplo de Husserl, ele não concebe a consciência como uma espécie de recipiente onde estariam depositadas as imagens e representação dos objetos. A consciência, ao mesmo tempo, não está contida no mundo das coisas – ele está no mundo. Tampouco está como que afunda na realidade. A característica fundamental da consciência, sabemos, é a intencionalidade, é a tendência de estar sempre voltada para fora. Nesse sentido, a consciência é o nada, o que lhe propicia a capacidade de imaginar, de transcender, de ir além da situação presente, dos fatos imediatos. É a imaginação que possibilita à consciência criar mentalmente as coisas e reconstruí-las quando elas não se encontram presentes fisicamente. Daí, a afirmação sartreana de que é o 'para-si' que faz com que exista o mundo. É através da consciência que o mundo adquire significado. Sem o 'para-si', toda a realidade se reduziria ao 'em-si'. É o nada, portanto, que fundamenta a liberdade. (PENHA, 1989, p. 89).

Segundo o pensamento sartriano é graças a nossa consciência que as coisas ao nosso redor fazem sentido, o 'para-si' é que dá existência ao mundo, dar forma as coisas. Se nos tirassem nossa consciência e deixassem-nos apenas o corpo, não teríamos a capacidade de fazer nada, seríamos como que inanimados. Nossa mente, nossa consciência é quem nos leva sempre a imaginar no nada alguma coisa ainda não existente, se bem que do nada não podemos tirar nada, mas é exatamente esse o mistério presente no fundo da mente humana. Nossa ânsia pelo novo nos leva a superar nossa própria força e incapacidade. Paulo César fala exatamente isso comentando sobre o ser livre do homem: "Ser é ser livre, e ser livre é fazer-se livre, é escolher-se constantemente face à existência". (CÉSAR, 2010, p. 99) Nessa sua reflexão sobre o ser livre que ele comenta baseado em Sartre, percebemos que fazer-se livre é uma meta dos seres humanos, diante de nossa existência palpita um desejo insaciável se podemos dizer assim, de fazer-nos novos a cada instante, nos descobrirmos enquanto indivíduos que contêm em si capacidades impressionantes de mudança.

Segundo o pensamento de Sartre somos livres para sermos os nossos próprios construtores, ninguém acima de nós têm as chaves das portas do novo em nossa existência, os donos são exatamente nós. Somos os inventores, e é nítido isso quando olhamos para as civilizações que edificamos com o passar dos anos, uma geração de grandes homens. Mas ao mesmo tempo que nós construímos grandes coisas e fizemos grandes descobertas em prol de uma liberdade mais feliz nesse mundo, também acabamos que deixando pequenas coisas nos aprisionar, nos impedir de irmos mais longe ainda, como as drogas que de tempos em tempos fomos modernizando para ficarem mais acessíveis, acarretou que muitos foram os aprisionados em seus próprios corpos que não conseguiram se libertar. Seria como que uma

prisão do nosso próprio eu em si mesmo. Nessa situação, ninguém é o culpado, o outro já não nos afeta nesse estado de existência. Aqui quem é o responsável somos nós mesmos, uma luta constante para destruir não muros de pedra, mas muros constituídos de pensamentos que na grande maioria das vezes sobre o efeito de determinadas coisas, acabamos por nos trancar, nos privar de prosseguir.

Se falamos que somos livres e que somos responsáveis por criar nossos próprios valores, que somos capazes de modificar o real a nossa volta, nisso implica que as responsabilidades por tudo isso também vem por acréscimo. No exercício de sua liberdade cada um de nós deve assumir para si mesmo que somos os nossos donos, e que atualmente é cada vez mais nítido isso em nossa sociedade. Nossa marca registrada é sermos livres mais do que nunca. Engana-se a si mesmo quem acha que não é o encarregado de si, seria como uma má-fé, demonstrar escolher algo dentro dos seus direitos de homem livre, mas não escolhe. Seria como que por conta própria colocar diante de si uma cortina para não se deparar com as realidades presentes dentro e fora da pessoa. Auto-sabotagem e estagnação no tempo, com medo de caminhar e ver o que pode fazer de mais novo. Para o homem há sempre algo para se construir, até mesmo a onde não se imagina que se pode encontrar uma realidade produtiva e animadora, ele tem a capacidade de enxergá-la:

Para Sartre, a existência precede a essência, isto é, primeiro existimos depois constituiremos a nossa essência. Seremos nós mesmos os nossos construtores, inventores, não temos um Deus para dar normas, para direcionar a nossa vida. Somos livres. Somos livres para criar nossos valores. Se somos livres, somos também responsáveis por tudo aquilo que escolhemos. A nossa liberdade só possui significado se estiver ligada a fatos concretos. Através de nossa ação somos capazes de modificar o real. O homem que não assume esta sua liberdade, engana a si mesmo, aninha-se na má-fé (finge escolher no exercício da sua mais plena liberdade, mas não escolhe). Um outro ponto importante anotado por Sartre em relação ao exercício da liberdade de um indivíduo (escolha, ação, responsabilidade...) é o fato dela nunca estar centralizada, nunca estar voltada para o individual, ela tem sempre o caráter, o valor universal.²

4.3 O século das exposições

Nos dias atuais a maioria dos indivíduos deseja expor ao mundo suas criações, boa parte das pessoas querem ser conhecidas e as novas criações digitais vieram para facilitar isso. Sempre esteve presente em nosso íntimo, no entanto, faltava a oportunidade de colocar isso

²Cf. FERNANDO, Amarildo de Almeida. *A questão da Liberdade na obra: Existencialismo é um Humanismo de Jean-Paul Sartre*. p. 13.

em público, porque não tínhamos mecanismos para fazer. Já hoje basta apertar um botão e vários nos conhecem ao mesmo tempo. O exercício da nossa liberdade sempre trás consigo os outros, nunca está por completa presa a uma única pessoa, há o sentido universal e, essa universalidade tornou-se real mais ainda em nossos dias.

Hoje mais do que nunca nós homens devemos tomar consciência de nossas responsabilidades e procurarmos sair de nossas zonas de conforto. Assim como na época de Sartre era preciso pessoas que tivessem a coragem de pensar alto com o desejo de ir longe, no presente tempo também carecemos de indivíduos assim. Ao nos expressar dizendo que Sartre nos mostra que o homem está por se fazer livremente, estamos automaticamente colocando em foco que sua filosofia é uma filosofia de ação, uma ação transformadora, libertadora, que começa não no outro, mas primeiro em nós:

Numa época em que o homem se encontra mergulhado na banalidade cotidiana e numa “tagarelice” vazia e banal; em que as guerras e as injustiças varrem de canto a canto o imenso globo terrestre; numa época em que se multiplicam os “profetas do apocalipse”, com seus templos suntuosos e bem ornamentados; numa época em que a apatia (sobretudo a política) parece deitar e rolar no terreiro de uma juventude estéril e inativa, o pensamento de Jean-paul Sartre, traduzido no seu próprio modo de vida, faz-nos pensar que nem tudo está perdido. Ao defender que o ser do homem está por se fazer livremente, isto é, mediante as escolhas que ele fizer de si, julgamos que o pensamento sartreano traz consigo os vestígios de uma filosofia da ação. Certamente poderíamos abordar detalhadamente a questão do “engajamento” sartreano, sobretudo no que concerne à relação que o pensador francês estabelece entre literatura e engajamento. Contudo, optamos apenas por indicar os traços de uma possível filosofia da ação na filosofia de Sartre. (CÉSAR, 2010, p. 105-106).

Sartre nos impulsiona que nos libertemos dos cárceres que nos aprisionam, os presídios que na grande maioria das vezes somos colocados não são de pedras e tijolos, são muitas vezes pensamentos, são mentes bloqueadas pelo medo. Ou sobrecarregadas sob a pressão de suas criações modernas. Em todo caso, percebemos no século vinte e um o auge da liberdade humana, o que nosso intelecto fez com nossa liberdade, ou podemos dizer o contrário, o que nossa sede por liberdade fez com nosso corpo e nossa mente. Afinal, estamos livres ou presos em nossas próprias criações? Eis a questão, se vivemos ou não uma eterna utopia pela liberdade plena.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa nos proporcionou pensar sobre o conceito de liberdade abordado por Sartre de que está é o prêmio que o homem almeja a vida inteira, aquela ânsia de tornar real seu sonho de viver livre. Tentando compreender essa ideia vinda do filósofo, buscamos fazer presente seu aprofundamento sobre um tema ainda tão pertinente e tão buscado por estudiosos da área da filosofia.

O homem não aceita ser identificado simplesmente com qualquer uma das definições dadas a ele, mas as incorpora durante a caminhada que este faz ao encontro de si mesmo. Sempre quer ultrapassar-se, é um eterno inconformado, pois não se satisfaz como é, numa inquietude fechada em si mesma. Não conseguiria reconhecer-se, se por acaso se contentasse em ser o indivíduo que é hoje. Somente na ação sobre si mesmo e sobre o mundo, em suas constantes realizações é que ele toma consciência de ser ele próprio, é que olha para si e se ultrapassa.

O ser humano uma vez gerado e colocado na vida, faz a si mesmo. A vida mortal de dias contados sem pausa no tempo, uma tensão entre o nascimento e a morte, é o período em que nos escolhemos a nós mesmos, não o que somos, mas quem desejamos ser, e nunca acabamos de querer. Nisso nossa existência aparece dentro de uma inesperada gravidade, como se passássemos a vida inteira angustiados, devido as coisas que nos aparecem e logo se vão de nossas mãos, sem que tenhamos o controle.

Do mesmo modo é nossa sede por liberdade, buscamos, insistimos e nunca cansamos, sempre mais desejosos do ainda inalcançável que ao longe fica como uma miragem a nos chamar com voz sedutora.

Para tanto a nossa pesquisa nos leva a refletir nessa perspectiva um tanto utópica, procurando compreender se, de fato, não caberia pensar no nosso atual estado de liberdade. Livres ou presos em uma fantasia apenas inventada para acalantar nosso íntimo, nossa ânsia.

Portanto, nunca se deixará de sonhar com a liberdade, nunca será perdido esse desejo, na realidade sempre palpitará dentro de nós o nome dessa deusa chamada liberdade. Sartre nos tira de nosso conforto quando nos faz questionar sobre o homem que somos e o homem que queremos ser. O modelo de homem atual e o outro modelo que achamos que deveríamos ser, o totalmente mergulhado no mistério de esperar o seu eu particular, ou todos os homens por completo como seres livres por inteiro.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Fernando José de. *Sartre: é proibido proibir*. São Paulo: Editora FTD, 1988. p.7-11.
- ACSELRAD, Marcio. *Liberdade, responsabilidade e o paradoxo da tecnologia*. Revista Educação Pública, Fortaleza, p. 2, mai. 2013.
- CÉSAR, Paulo Gondim da Silva. *O conceito de liberdade em o ser e o nada de Jean-Paul Sartre*. Natal, 2010. p. 105-106.
- FERNANDO, Amarildo de Almeida. *A questão da Liberdade na obra: Existencialismo é um Humanismo de Jean-Paul Sartre*. p. 13.
- MORAIVA, Sérgio. *Sartre*. Coleção Biblioteca Básica de Filosofia. Lisboa: Edições 70, 1985. p. 65.
- PERDIGÃO, Paulo. *Existência e liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre*. Porto Alegre: L & M, 1995. p. 116.
- PENHA, João da. *O que é Existencialismo*. 10ª ed. (Coleção Primeiros Passos – vol. 61). São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. p. 79-80.
- SARTRE, Jean Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. Tradução de Rita Correia Guedes. Paris: Les Editions Nagel, 1970. p. 42.
- SARTRE, Jean Paul. *O Ser e o Nada – Ensaio de ontologia fenomenológica*. Tradução de Paulo Perdigão. 20. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 72.